

COLEÇÃO MULHERES POR REPARAÇÃO DAS DÍVIDAS SOCIAIS

RESISTIR NA CRISE: MORADIA, RENDA E COMIDA NO PRATO



CARTILHA 2



APRESENTAÇÃO

Chegamos à Cartilha 2: Resistir na crise: moradia, renda e comida no prato.

O caminho que nos coloca neste lugar tem sido de muitos desafios e esperanças. Especialmente porque acreditamos na vida e na força popular que mobiliza para as transformações concretas no cotidiano. Na Cartilha 1: Direito à Moradia e à Cidade, olhamos para o chão da realidade do acesso à moradia no Brasil e as principais violações dos direitos enfrentados pelas pessoas que vivem nas ocupações, assim como as experiências de resistência de mulheres lutadoras que inspiram a realização dos sonhos coletivos.

Trazemos as realidades vividas na pandemia de Covid-19, a partir do início de 2020, especialmente relatadas em dois aspectos, fundamentais para a sobrevivência humana: a renda e a alimentação. Vamos lidar com dados e informações muito difíceis, pois estamos falando de profundas dores que desafiam até o nosso entendimento. Mas é preciso SABER MAIS para atuar e fazer as mudanças estruturais para que a saúde seja coletiva, a renda distribuída com justiça e o alimento saudável para todas as pessoas.

Desejamos que as experiências relatadas na seção Mulheres da resistência popular e Moradas das resistências populares sejam o esperar que precisamos resgatar como alimento primordial para seguir em frente.

Com a memória das pessoas vitimadas pela Covid-19 nos mais diferentes âmbitos da sobrevivência, vamos estudar, compartilhar e continuar lutando pela vida de todas as pessoas, especialmente das mulheres, impactadas de forma ainda mais evidente em sua dignidade e vulnerabilidade.





JANAÍNA PINTO DOS SANTOS Mãe de quatro filhas. Militante do Movimento de Luta por Moradia (MNLN), em Manaus (AM). Mora na comunidade Fazendinha e muito contribuiu na organização das famílias que ocuparam a comunidade Coliseu. Mora próximo à igreja, referência para as lideranças da ocupação. Foi liderança acolhedora, formando-se na luta diária, nas audiências, nas mobilizações e mesas de negociação junto à Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA). Nos momentos de reintegração na comunidade, mesmo com as casas destruídas, sem energia elétrica, se juntou ao grupo e permaneceu no lote. Janaína não se amedrontava frente aos desafios. Em 2021, submetida a uma cesariana foi infectada pela Covid-19. Encaminhada para a UTI, com forte hemorragia, Janaína não resistiu.



LIDUÍNA MARIA JOSÉ DE LIMA Conhecida como Liduína do Barracão, incansável militante pelo direito à moradia, em Fortaleza (CE) e liderança ativa da ocupação Morro da Vitória. Junto às comunidades resistiu aos seguranças armados, aos tratores, à polícia e às ameaças e fundou a Associação Habitacional com apoio das Comunidades Eclesial de Base (CEB's). O local é referência de luta pelo Direito à Moradia. Participou das articulações com 80 famílias para ocupar um terreno que estava abandonado na região da Praia do Futuro, resultando na comunidade Raízes da Praia, que resiste até hoje. Liduína foi mais uma das vítimas da Covid-19, em 2021. Uma grande perda na luta pelo direito à moradia da cidade de Fortaleza. Fez da sua vida luta e acolhimento. É símbolo de resistência e memória da ocupação Raízes da Praia.



DESSIANE CRISTINA DOS SANTOS PEREIRA

Mulher preta nascida em Contagem (10/11/1992) gosta de ler e de escrever. Ativista dos movimentos pelos direitos humanos, pela moradia digna e pelos direitos das mulheres. Há 6 anos mora na ocupação Alto das Antenas, território sem asfalto, sem água, sem luz, debaixo de antenas de alta tensão causando insegurança com o risco da chegada das notificações e a possibilidade de que as casas novas sejam derrubadas. Integra os grupos Flores da Resistência pela dignidade menstrual nas periferias de BH e Prosas de Mulheres. *"É um lugar de muita insegurança, mas quero estar lutando com elas, meu ensinamento é de luta. Fortalecer essas mulheres".*



ANA SANTOS Mulher negra, nascida na Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, educadora popular e culinária. Na Serra da Misericórdia, complexo da Penha, encontrou porto e morada para a agroecologia urbana. Ana aposta na prática de cultivar alimentos saudáveis em confluência com a cultura e a arte popular, como maneira de resistir na cidade. Acredita no poder curativo das plantas e na alimentação saudável.

Através da feira na porta da sua casa com produtos colhidos do seu rico quintal, resiste e defende a produção de alimentos saudáveis, como direito humano fundamental. Recordando sua mãe e avó ela nos diz: *"Os quintais e cozinhas eram espaços de partilha, de ensinar a ler, das simpatias e xaropes de cura, das rezas e orações, do óleo ungido, do jogo de búzios, da vendinha e de todas as crenças e memórias que as acompanhavam"*. Memórias que acompanham Ana e a conectam com o futuro e o passado.



CÁTIA CARDOSO Nascida em Salvador/BA (1967), cientista social, militante do movimento de mulheres negras, educadora popular, agente de pastoral. Integra a Cáritas Brasileira atuando na defesa e promoção dos direitos humanos, com foco nas mulheres, crianças, adolescentes e jovens. Como estudante protagonizou a luta pelas cotas para negros(as) nas universidades públicas. Como educadora foi membro do

Instituto de Formação Teológica da Bahia, com funções de coordenação e de docência, responsável pela formação ecumênica de diversas lideranças religiosas. Trabalhou como pesquisadora e educadora na Incubadora de Cooperativas Populares da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Sua ancestralidade negra, de família do semiárido, berço de comunidades quilombolas, marca suas experiências e escolhas políticas.



SÔNIA SARAÍ DE LIMA SOARES

Nascida em Santa Maria (RS) foi servidora pública estadual, conselheira tutelar e moradora do Quilombo dos Alpes. Primeira mulher negra eleita (como suplente) vereadora (PT) de Porto Alegre teve como uma de suas principais pautas a defesa do direito à moradia.

Em sua homenagem, uma das mais conhecidas ocupações de prédios no centro de cidade recebeu o seu nome: Ocupação Saraí, iniciativa do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Sempre foi reconhecida pelo trabalho junto às comunidades, pela inclusão das populações negras afrodescendentes, pela garantia dos seus direitos sociais, econômicos, de moradia e culturais. Mulher ferrenha na luta contra o racismo faleceu em 2013, aos 47 anos.





As condições, para a sobrevivência da vida em sociedade nunca estiveram tão difíceis como nos últimos tempos. As sucessivas **crises econômicas** e políticas mundiais aprofundaram a miséria, principalmente após a explosão da pandemia da Covid-19 que já perdura há mais de dois anos.

O Brasil permanece na periferia da economia global e, conseqüentemente, a desigualdade de distribuição de renda caminha com a super exploração dos(as) trabalhadores(as) que, nos últimos anos, sofrem com o rebaixamento da qualidade de vida, o que coloca em risco a sobrevivência de milhares de famílias.

As crises econômicas acontecem quando os lucros das empresas capitalistas diminuem. Aí eles precisam inventar novas coisas para vender. Pode ser a água, a energia, as florestas, o saneamento, enfim... tudo.

Muitas mudanças vêm sendo feitas no mundo do trabalho como tentativa de saída dessas crises. Alguns estudiosos do tema chamam essas mudanças de “reestruturação produtiva”. As empresas começaram a apostar mais nas tecnologias, no trabalho terceirizado e no menor número de trabalhadores(as) para produzir as mesmas metas. Os(as) trabalhadores(as) perderam a garantia dos direitos trabalhistas e, conseqüentemente, são vítimas do aumento do desemprego e da superexploração. Os dados do desemprego no Brasil iniciaram o ano de 2022 com mais de 12%. Sabemos que estes dados podem ser ainda maiores se observarmos os subempregos, a informalidade, a uberização, ocupações que não garantem direitos. Afinal, de onde vem a riqueza dos ricos?

Muito do que essas empresas produzem não são para atender às nossas necessidades reais de vida, mas sim para gerar lucros infinitos para uma minoria privilegiada. Ora, se essa produção fosse para atender às necessidades humanas, não existiria tanta gente ainda passando fome no mundo! O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA, 2016) afirma que são produzidos alimentos para atender 7,3 bilhões de pessoas que habitam o planeta, porém, uma em cada nove dessas pessoas ainda passa fome no

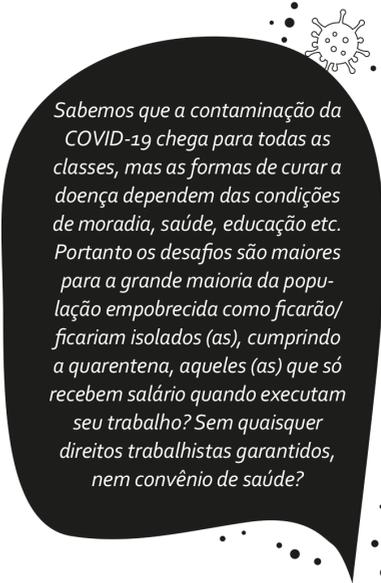
mundo. Dados da Oxfam Brasil indicam que esse ano (2022) mais de 33 milhões de brasileiros(as) estão passando fome. O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (rede Penssan) mostra que apenas quatro, entre 10 famílias, conseguem acesso pleno à alimentação.

O cenário de insegurança alimentar se agrava com a tragédia que a humanidade está passando. No Brasil, o total de óbitos pela Covid-19, passa (julho de 2022) de 670 mil mortes que poderiam ter sido evitadas, caso o país não estivesse sob medidas presidenciais que negam os estudos científicos sobre a Covid-19 e as suas variantes. O atual governo não incentiva a vacinação e as medidas de segurança sanitárias contra o vírus piorando esse cenário.

Os desmontes das conquistas dos direitos sociais – reforma trabalhista, o congelamento de investimentos do Estado nas políticas públicas já vinha acontecendo desde o governo Temer. A Emenda Constitucional 95 congela as despesas do governo federal, com valores corrigidos pela inflação, por até 20 anos.

E no governo atual (Bolsonaro) o desmonte continua e de forma mais agressiva. Iniciou com a reforma da previdência seguida de corte de investimentos nas universidades, na ciência, em políticas de proteção às mulheres, às crianças e aos adolescentes, e ao direito à moradia. Este desmonte em nossa análise é a dívida social sendo aprofundada.

Tal realidade impacta violentamente a classe trabalhadora que vive da sua força de trabalho e aumenta a situação de pobreza. É o que mostram os números oficiais sobre o não acesso da população aos serviços e bens mais essenciais para uma vida saudável, segura e digna. O número de pessoas abaixo da linha de pobreza aumentou durante a pandemia. No primeiro trimestre de 2021, segundo o IBGE, encontravam-se em situa-



Sabemos que a contaminação da COVID-19 chega para todas as classes, mas as formas de curar a doença dependem das condições de moradia, saúde, educação etc. Portanto os desafios são maiores para a grande maioria da população empobrecida como ficarão/ ficariam isolados (as), cumprindo a quarentena, aqueles (as) que só recebem salário quando executam seu trabalho? Sem quaisquer direitos trabalhistas garantidos, nem convênio de saúde?

ção de desemprego 14,8 milhões de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza, 14 milhões de famílias, isto é, famílias com renda média de até R\$ 80 por mês. Em 2022 a taxa recuou, contudo, não mudou a realidade. O que temos visto são milhões de pessoas passando fome e na fila do osso. O auxílio Brasil de R\$ 400 não dá conta de garantir dignidade. O vale gás ajuda, mas não resolve o acesso às condições necessárias para produzir o alimento, quando este chega às casas.

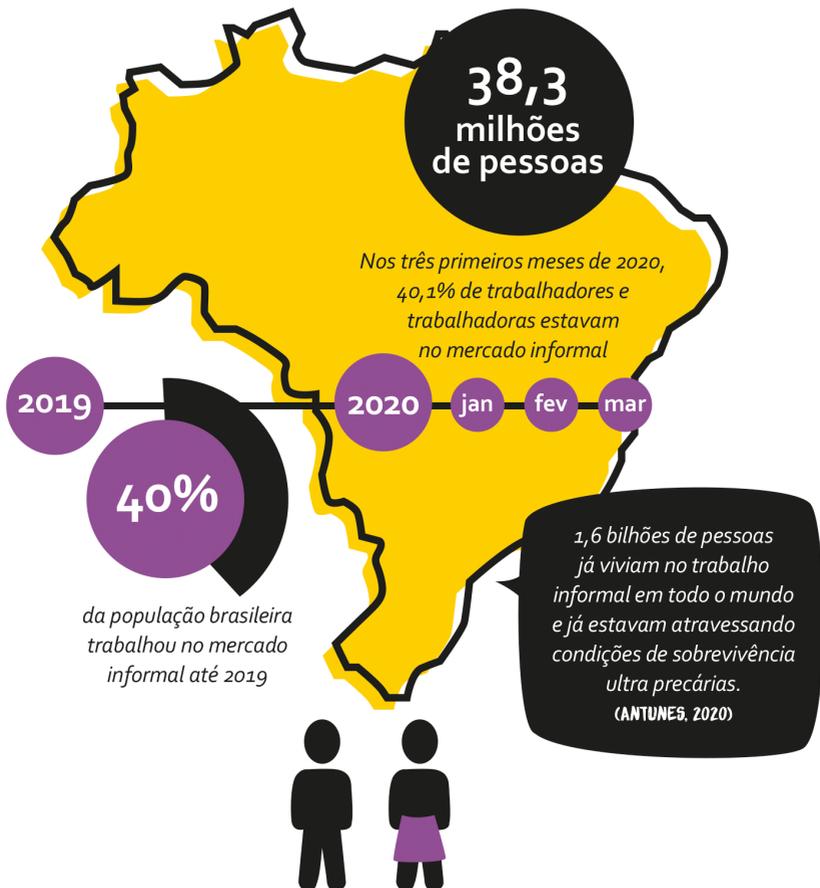
Para o Observatório do Terceiro Setor, 58 milhões de brasileiras e brasileiros podem passar fome por não terem renda. Em termos percentuais são 27,7% da população nessa situação. Todos os dias cresce o número de pessoas nas filas, em busca de emprego e alimentos. Muitas pessoas, incluindo jovens, que perdem o direito a estudar vendendo produtos nas esquinas das ruas das cidades. São trabalhadoras e trabalhadores ambulantes que buscam junto à solidariedade, de outras pessoas, a cesta básica de cada mês.

Em 2020 havia 45 bilionários no Brasil. Em 2021 esse número aumentou para 65. Vale ressaltar que os bancos não perderam dinheiro na pandemia, ao contrário. Segundo o site Poder 360, o “lucro líquido recorrente dos três maiores bancos privados do país – Bradesco, Itaú e Santander Brasil – somou R\$ 18,2 bilhões no 1º trimestre de 2022.” As políticas públicas de segurança e soberania alimentar no Brasil estão ameaçadas.

Em 2019 o governo Bolsonaro extinguiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA), eliminando a possibilidade de um espaço governamental e da participação popular para proposição, elaboração e monitoramento de políticas públicas de alimentação. Também eliminou todo o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que fornecia alimentos saudáveis produzidos pela agricultura familiar para escolas.

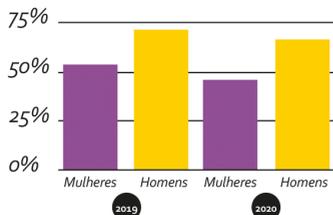
Tudo isso piora com os discursos oficiais que disseminam o ódio e influenciam as práticas racistas, homofóbicas, xenófobas, sexistas, misóginas e as opressões de gênero. Essas posturas que assistimos diariamente tentam tornar invisíveis os processos de luta e resistência das populações do campo, das águas, da floresta e da cidade, que ainda reivindicam o bem comum. Territórios de resistência que buscam garantir sua soberania alimentar, através da defesa da terra, da moradia, do direito à vida com justiça, paz e dignidade.





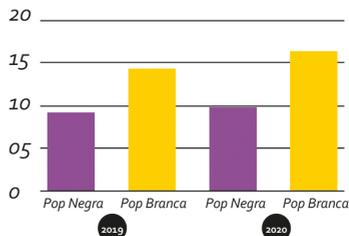
PARTICIPAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA

Ainda vivemos grandes desigualdades entre homens e mulheres



DESEMPREGO E RACISMO

O desemprego aumentou para a população negra durante a pandemia



Importante a gente lembrar das crianças das periferias neste período de pandemia.

Muitas que só conseguem realizar alguma refeição em razão das atividades escolares.

Então, se não vão à escola ficam sem se alimentar e se vão, podem ampliar os riscos de contaminação e aumento da tragédia junto à sua família.

"A classe trabalhadora se encontra então sob um intenso fogo cruzado".

(ANTUNES, 2020)



10 homens brancos e bilionários tem juntos uma riqueza suficiente para vacinar todo o planeta.

O número de bilionários cresceu durante a pandemia.

No Brasil eram 2095 em março de 2020. Em dezembro do mesmo ano já eram 2357. Em apenas 9 meses, 262 novos bilionários.

Você ouviu no noticiário que aumentou o número de mulheres vítimas de violência durante a pandemia?

Realmente... a gente viu mais mulheres chegando na ocupação para fugir das brigas em casa, né!

Acho que isso tem a ver com o maior tempo que as famílias tiveram que ficar convivendo com os seus próprios agressores, isso é violência doméstica.

Um dia tudo isso vai mudar e homens e mulheres viverão em condições iguais.

Nós ficamos mais sobrecarregadas. Mais tarefas, roupas sujas... Ainda bem que no nosso barraco meu marido e filhos, cada uma lava o seu prato e suas roupas.

Por aqui também é assim. Se todos da família precisam comer, ter roupa limpa e barraco arrumado, todos tem de fazer.





MORADAS DAS RESISTÊNCIAS POPULARES

As mudanças que já estavam acontecendo no mundo do trabalho ficaram mais expostas com a pandemia. Alguns estudiosos preveem a possibilidade do fim do trabalho formal como o conhecemos afirmando que os investimentos em tecnologias da informação e na robótica fazem com que a atividade humana seja rapidamente diminuída.

No entanto, não tem como o trabalho deixar de existir. Para ligar, desligar e programar uma máquina, por exemplo, alguém será necessário. A robotização nas indústrias diminui os postos de serviços, mas só é possível produzir riqueza social através do trabalho, ato criativo e humano.

Todas as mudanças atuais no mundo do trabalho assemelham-se ao realizado na época da servidão. Enquanto isso, as empresas estão cada vez mais ricas. Com a pandemia, o tele trabalho, home office, que significa trabalhar de forma remota, impôs o fim da separação entre tempo de trabalho e o tempo de vida, de descanso. Também sequestrou a partilha do trabalho coletivo e a possibilidade de construção da consciência coletiva, sem falar da intensificação do trabalho feminino, aumentando ainda mais a divisão “sociosexual e racial do trabalho”, como contado na tirinha.

Os postos de trabalho impulsionados pela pandemia aumentaram a inserção das pessoas no trabalho informal, sem a garantia de qualquer direito trabalhista, assim como causaram maior exploração e **espoliação**. Quem conseguir permanecer nesse mercado dependerá da compra ou aluguel de seus instrumentos de trabalho (automóveis, motocicletas, bicicletas, celulares, internet wifi ou 5G, entre outros) endividando-se junto ao sistema financeiro.



EXPERIÊNCIA DE MANAUS, ATRAVÉS DA INICIATIVA ECONÔMICA POPULAR: O EMPREENDIMENTO SAM AMBIENTAL

Apesar de tudo, a classe trabalhadora com toda sua diversidade permanece tecendo caminhos de resistência a essa cruel realidade. Recria seu cotidiano e busca transformar as injustiças em sementes de esperança de um mundo novo. Um exemplo é a experiência de Manaus, (AM) através das **ações do Sam Ambiental**. Localizado na zona Norte de Manaus, no Bairro Nossa Senhora de Fátima. A ação que existe desde 2015 surgiu a partir de uma oficina de economia popular solidária, oferecida pela Cáritas Arquidiocesana de Manaus, para pessoas que estavam desempregadas, sem trabalho formal e em busca de alternativas para geração de renda.

A iniciativa produz sabão em barra e sabão líquido, através do reaproveitamento do óleo utilizado pelas indústrias e pelo comércio da região. Após a coleta, o óleo é tratado para a produção de sabão. O grupo é formado por dez pessoas, na maioria mulheres. O Sam Ambiental, além da Cáritas Arquidiocesana tem como parceiros o Rotary Club Manaus, a Comunidade Santo Antônio e faz parte da rede Biribá. Os produtos são comercializados em feiras, sob encomenda e venda direta na comunidade. A comercialização dos produtos ainda contribui como renda complementar das/os participantes. Em virtude da pandemia, o grupo ficou impossibilitado de fazer a coleta do óleo por um tempo. Em 2021, retomado o empreendimento receberam a cessão de uso de um local para produção e comercialização dos produtos.



ACERVO EMPREENDIMENTO SAM AMBIENTAL

FARMÁCIA VIVA PLANTANDO SABERES EM FORTALEZA

Uma partilha que nos traz esperança, na construção de outra história possível, vem da Farmácia viva plantando saberes cultivada por mulheres da grande Messejana, em Fortaleza, consequência dos encontros sobre o conhecimento popular das plantas medicinais, iniciados no conjunto Palmeiras, em 1987. Os padres Francisco Moser e Luis Fornasier contribuíram para que as famílias da comunidade começassem a catalogar as plantas medicinais que tinham nos seus quintais e como as utilizavam.

Através de oficinas promovidas pela Universidade Federal do Ceará (UFC), algumas mulheres começaram a fazer medicamentos, que contou com a expansão do movimento de saúde comunitária no território. Algumas mulheres passaram a ensinar como fazer os remédios seguindo a orientação da Farmácia Viva, com muita dedicação, amor e responsabilidade.

A Farmácia permanece viva com plantas medicinais no sítio da Pastoral Operária no bairro Jangurussu, nas casas de Socorro Mariano, Nazaré, Lucia Sousa e outras famílias que usam as plantas e o conhecimento sobre elas para cuidar da saúde. Socorro hoje é estudante de Farmácia. A prática da farmácia viva faz parte da história e das raízes ancestrais da comunidade. A Farmácia natural é originada nos saberes de base africana agregados aos saberes indígena.

"Nestas terras sempre se plantou sabedoria, é da nossa terra que nascem as plantas medicinais a partir do conhecimento popular". (BETE VIEIRA)

A Farmácia viva faz parte das Práticas Integrativas e Complementares previstas no Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse tempo de epidemia do coronavírus as mulheres têm intensificado essa prática dos chás, banhos de ervas, xarope de malvarisco, gargarejo com alecrim-pimenta, pomada vick e outros cuidados. É possível cultivar plantas medicinais em jarros, em escolas-creches e onde quer que tenha um pouco de terra. Cultivadas sem agrotóxicos e com valor científico e popular. A Associação das Mulheres em Movimento tem dado continuidade, através de oficinas e distribuição de mudas. Para as comunidades que tenham interesse em conhecer e desenvolver a experiência, a Farmácia viva está à disposição para multiplicar essa ideia.



ACERVO FARMÁCIA VIVA PLANTANDO SABERES

TRABALHO
É PÃO.

Faça xerox e dispute as ruas com essa ideia!



CAMINHOS DE SOLIDARIEDADE E INCIDÊNCIA POLÍTICA

Já tem um tempo que o açaí saiu da região amazônica para o mundo, assim como o chá mate do Sul (bebida originalmente indígena) e o cacau nordestino. O mercado se globalizou, fez com que produções locais chegassem a todas as partes do planeta. Nessa movimentação fomos perdendo o nosso poder de decisão e a nossa soberania sobre o que vestir e o que comer. Exemplo disso está nas empresas que se apropriaram e dominaram o fubá de milho, pão de milho e comercializam o cuscuz transgênico. Quase não encontramos mais nosso cuscuz com o milho nativo, crioulo.

Mas como a história não é feita só por uma classe e como “os sonhos não envelhecem”, comunidades do campo e da cidade mostraram durante a pandemia como essa solidariedade, entre os povos da floresta, das águas e das periferias urbanas, podem render bons frutos. Com a pandemia, percebeu-se a importância da natureza nas vidas de todos, natureza que também vem sofrendo graves ameaças provocadas pela lógica destrutiva de produção. O aquecimento global, o agronegócio, a mineração, o desmatamento da Amazônia e os megaprojetos hidrelétricos mostram a necessidade urgente de criarmos novas conexões com a natureza.

Nesse caminho são muitos os movimentos sociais do campo que produzem a partir da agricultura familiar, camponesa e agroecológica e forneceram toneladas de alimentos para as comunidades periféricas das cidades, intensificadas durante a pandemia, para diminuir a insegurança alimentar de comunidades garantindo, ao menos, três refeições diárias para as famílias. É importante reconhecermos que os alimentos advindos desse modelo de produção, contrário ao **agronegócio**, produz agro biodiversidade, saúde e vida para a terra e para as pessoas.

O Agronegócio é um modelo de produção que domina grandes extensões de terra, pertencentes a apenas um proprietário, cultivando monoculturas, com grandes máquinas e poucos trabalhadores e através de sementes transgênicas e agrotóxicos.



LEIA MAIS!

Link da campanha “Contra os Agrotóxicos Pela Vida”.

<https://contraosagrototoxicos.org/>



UMA NOVA FORMA DE AQUILOMBAMENTO: GOZINHA COMUNITÁRIA

Vejam os a partilha vinda do Rio de Janeiro do Quilombo da Gamboa e a sua Cozinha Coletiva. O Projeto de Habitação Popular Quilombo da Gamboa nasceu a partir das diversas lutas populares pelo direito constitucional à moradia e à cidade como um todo. Desde 2006 esteve em diversos grupos de trabalho na Superintendência de Patrimônio da União (SPU), junto com dois movimentos nacionais, que fariam a gestão do projeto de habitação, para cerca de 116 famílias de baixa renda: Central de Movimentos Populares (CMP) e União Nacional de Moradia Popular (UMP). No ano de 2009 foram cedidos seis terrenos públicos, situados na Zona Portuária do Rio de Janeiro, para serem construídas as 116 habitações, tão ansiosamente aguardadas pelas famílias, em sua maioria moradores do centro da cidade do Rio de Janeiro e de outros bairros e municípios do estado.

A princípio era apenas uma família e, com o passar dos anos, outras que perderam suas fontes de renda, com as quais pagavam aluguéis, não tiveram outra forma de sustento a não ser através do trabalho informal. Foram ocupando gradativamente o espaço e, no final de 2019 haviam 12 famílias morando no terreno. Foram construídas 08 casas de madeira para acomodar as famílias que chegaram.



COMUNIDADE QUILOMBO DA GAMBOA

"No início de 2020, fomos surpreendidos com a chegada da pandemia e tudo ficou muito difícil. Os moradores da ocupação decidiram construir uma cozinha coletiva. Em razão da impossibilidade de as famílias cozinhar em suas casas de madeira. A ideia da cozinha serviria também para outros coletivos e movimentos sociais que quisessem utilizar o espaço para fins sociais e atividades de formação política.

Tomando todos os cuidados necessários, a comunidade realizou mutirões para a construção da tão sonhada cozinha coletiva. O processo de construção foi memorá-

vel. Com divergências, convergências, acolhimento, confecção dos nossos almoços e cafés da manhã a várias mãos, mulheres e homens cavando buracos, assentando tijolos, pintando.

Praticamente em todos os sábados do ano de 2020, tínhamos o compromisso com a construção de nossa cozinha. Muitas vezes pensávamos que não conseguiríamos dar conta de tanto trabalho, pois como estávamos no auge da pandemia, o número de participantes dos mutirões se reduzia a no máximo oito pessoas.

Mesmo assim, seguimos firmes no nosso objetivo, tendo como base a organização, a solidariedade e o apoio mútuo. Elementos importantes não só para construção da cozinha, mas também para a formação da coletividade. De certo modo, fazer uso desses elementos na construção da cozinha coletiva, torna-se uma preparação para a edificação de moradias a partir do projeto de habitação popular Quilombo da Gamboa, que tem como objetivo a construção habitacional autogestionária.

Já estávamos no início do ano de 2021 e, às vezes, batia aquele desânimo por não termos ainda concluído nossa cozinha coletiva. Mas com a força de nossos ancestrais que por ali estiveram, éramos fortalecidos cotidianamente, afinal de contas, estávamos no "Quilombo da Gamboa". A própria nomenclatura já expressava resistência e assim seria, pois, o pensamento era ter a ancestralidade como forma de resistência.

A forma em que decidimos que iremos viver, certamente irá incidir diretamente nas formas diversas em que vamos nos organizar, principalmente no que diz respeito à coletividade. Precisamos estar conectados uns com os outros para que possamos juntos partir para um projeto maior de emancipação, principalmente em momentos de estado de exceção, onde o intuito será sempre promover as ações individuais e não coletivas.

No dia 19 de junho de 2021, finalmente inaugurarmos o espaço que tanto desejávamos. Nossa cozinha coletiva virou uma realidade, foram momentos de conagração, famílias que vivem no local, os movimentos sociais que fazem a gestão do projeto, representante do ministério público, famílias da Ocupação Vitto Giannotti, representantes de sindicatos, Instituto Galpão Gamboa, voluntários do Sopão do Bem, arquitetos e arquitetas que fizeram o projeto da cozinha, TETO Brasil, Coletivo Mais Amor e Menos Capital. Todos ali, ajudando a ratificar o marco histórico do Qui-

lombo da Gamboa. Nossa cozinha coletiva, não tem apenas um único objetivo, mas sim vários. O ato de cozinhar de forma coletiva nos remete aos povos originários, aos quilombolas, ao olho no olho no momento de dividirmos o pão, os momentos de criar laços afetivos com o outro e principalmente a escuta, que tem sido essencial no momento pandêmico que estamos vivenciando.

Ao final da pequena comemoração de inauguração de nossa cozinha coletiva, já estávamos preparando a primeira refeição, que foi feita pelos voluntários do Sopão do Bem, para ser distribuída para centenas de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade nas ocupações sem-teto do Santo Cristo e grande Centro. Foram mais de 800 potes de sopas distribuídos. Se a cozinha é lugar de mulheres? Certamente que não! A cozinha é lugar daqueles e daquelas que exercem com maestria o dom de dividir o pão e promovem acolhimentos coletivos”.



ROBERTO GOMES – COORDENADOR ESTADUAL DA CMP

APARECIDA MERCÊS – MORADORA DO COLETIVO QUILOMBO DA GAMBOA





- 1 Saberes em Autogestão
<http://ppad.org.br/>
- 2 Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul
<http://pacs.org.br/>
- 3 Biblioteca digital Berta Cárceres do Instituto Pacs
<http://biblioteca.pacs.org.br/>
- 4 Coronavírus - O trabalho sob fogo cruzado do sociólogo, Ricardo Antunes da editora Boitempo.

POR UMA VIDA MELHOR

O documentário retrata a segurança alimentar e nutricional no Brasil. Filme de Thereza Jessouroun e realização do CECIP, CESE e IBASE.



“Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos”.

“Antigamente o que oprimia o homem era a palavra calvário; hoje é salário”.

“Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos”.

“A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (Carolina Maria de Jesus)



LEIA MAIS!

Carolina Maria de Jesus foi escritora, compositora, negra, brasileira e autora do livro Quarto de Despejo: Diário de uma favelada (1960). Natural de Minas Gerais, morou na favela do Canindé, zona Norte da cidade de São Paulo. Trabalhava como catadora de papel e criou sozinha os seus três filhos. Carolina faleceu em fevereiro de 1977, é considerada uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira, seu livro foi publicado em vários países e traduzidos para 14 línguas.



JUBILEU SUL BRASIL

ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO

Alessandra Miranda, Gorete Gama, Iara Fraga, Marcela Vieira, Marcelo Edmundo, Mariana Duque, Nenzinha Ferreira, Sandra Quintela

REDAÇÃO

Alessandra Miranda, Aparecida Mercês, Elisabeth Vieira, Iara Fraga, Gorete Gama, Marcela Vieira, Roberto Gomes, Sandra Quintela e Taciane Bezerra

REVISÃO

1ª edição: Maria Cláudia Pereira
2ª edição: Alessandra Miranda, Rosilene Wansetto, Sandra Quintela, Solange Dacach

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Jucelene Rocha

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO

Flaviana Serafim

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL

Natasha Cruz

PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÃO

Rachel Gepp

DIAGRAMAÇÃO 2ª EDIÇÃO

José Bruno Lima

FOTOGRAFIAS

Aparecida Mercês, Adriana Medeiros, Acervo Farmácia Viva Plantando Saberes, Fortaleza (CE), Acervo Empreendimento Sam Ambiental, Manaus (AM).

CONTATO

E-mail: secretaria@jubileusul.org.br

Tiragem 2ª edição - 1000 unidades

2022

O conteúdo desta publicação, que teve sua 1ª edição em 2021, é de responsabilidade exclusiva da Rede Jubileu Sul Brasil e Rede Jubileu Sul/Américas. Não necessariamente representa o ponto de vista dos apoiadores, financiadores e co-financiadores: Instituto de Relações Exteriores – IFA, Ministério das Relações Exteriores Alemão, Programa de Financiamento Zivik, Catholic Agency for Overseas Development (CAFOD), DKA Áustria - Agência de cooperação de Katholische Jungschar e União Europeia.



Site: www.jubileusul.org.br



Facebook: /redejubileusul



Instagram: /jubileusul



Twitter: /JubileuSul



YouTube: Jubileu Sul Brasil JS/BR

PUBLICAÇÕES DA COLEÇÃO

Cartilha 1 | Direito à moradia e à cidade

Cartilha 2 | Resistir na crise: Moradia, Renda e Comida no prato

Cartilha 3 | Conflitos e regularização fundiária: vamos fazer a resistência popular?

Cartilha 4 | O contexto socioeconômico da vida das mulheres no Brasil

Cartilha 5 | Mulheres e espaços de participação popular

Cartilha 6 | Como o orçamento e a dívida pública afetam a vida das mulheres?

Realização



Parceria



SSB

Apoio



Cofinanciado pela União Europeia